

**BRAGGIO**, Sílvia Lucia Bigonjal; **SOUSA FILHO**, Sinval Martins de (2009) (orgs.). *Língua e culturas Macro-Jê*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira. Pp.347. ISBN 978-85-89779-60-9.

O conjunto de artigos que constitui *Líguas e Culturas Macro-Jê*, organizado por Sílvia Lucia B. Braggio (UFG) e Sinval Martins de Sousa Filho (UFG), é resultado de trabalhos apresentados no *VI Encontro de Líguas e Culturas Macro-Jê*, realizado na Universidade Federal de Goiás em 2008. Como se poderá notar ao longo desta resenha, constitui-se importante fonte de informação acerca de líguas que compõem o Tronco linguístico Macro-Jê. A variedade de temas que se encontra na referida obra enriquece ainda mais o conhecimento que se tem acerca deste Tronco Linguístico brasileiro e ilustra a relação profícua que se pode estabelecer entre Linguistas e Antropólogos.

O primeiro artigo dos Anais do VI Encontro de Líguas e Culturas Macro-Jê, intitulado *O tratamento dos empréstimos na língua apinayé*, apresenta-se dividido basicamente em quatro tópicos. Neles, Francisco E. Albuquerque trata de empréstimos lexicais, de empréstimos não-lexicais, de empréstimos semânticos e de empréstimos no contexto social brasileiro da língua apinayé. Ao tratar dos empréstimos lexicais, o autor mostra a utilização de numerais acima de quatro e dos sufixos nominalizadores *-re* e *-ti*. Nos casos de empréstimos não-lexicais, faz-se referência à utilização de alguns fones da L2 na L1. Os empréstimos semânticos retratados pelo autor são aqueles que fazem referência a características físicas do referente. O último item do artigo, que trata dos empréstimos no contexto social brasileiro, aponta a questão dos nomes próprios dos indivíduos apinayé, os quais são dados utilizando-se como fonte L2 e não L1. Embora cite que vai adotar a tipologia de empréstimos de vários autores, parece que Albuquerque utiliza somente o trabalho de Carvalho (1989) para desenvolver o referido artigo. Além disso, deixa o leitor à espera de informações relacionadas às diferenças entre a fala dos Apinayé da Aldeia Mariazinha e os da Aldeia São José, já que promete fazê-lo e não o faz.

Rosane de Sá Amado apresenta, como resultado do projeto “Aquisição do Português como Segunda Língua entre Comunidades Timbira” - desenvolvido na Universidade de São Paulo, o artigo *Marcas da oralidade Timbira na produção de textos escritos em Português*. Sua proposta é descrever e analisar marcas de oralidade da língua timbira na produção de textos escritos em Português. No que se refere a essa descrição, a autora traça um panorama do contexto sócio-educativo dos Sujeitos da pesquisa. Quanto à análise dos dados (resultantes de um *corpus* de 15 textos produzidos por alunos timbira), Amado depreende sete marcas de oralidade recorrentes, intituladas: (a) uso de marcadores verbais para iniciar o tópico; (b) uso de marcadores verbais para encadear o tópico (conectores); (c) uso de marcadores verbais para finalizar o texto; (d) uso de paráfrase; (e) uso de marcas de subjetividade; (f) uso do discurso direto sem diferenciação dos sujeitos e de seu enunciado; (g) uso da memória coletiva. Ao concluir o artigo, a autora enfatiza a concepção de que “o que se buscou com este estudo foi lançar algumas idéias na construção de um debate acerca *do quê* se avaliar no ensino de português como segunda língua, mais notadamente em sua modalidade escrita, a povos de tradição predominante oral”.

Considerando-se a ergatividade morfológica expressa nas línguas apinayé, canela e kayapó, Aroldo Leal Andrade apresenta, em o artigo intitulado *Percursos de gramaticalização da ergatividade em línguas Jê setentrionais*, uma discussão sobre as origens diacrônicas da ergatividade nas referidas línguas. Nesse contexto, o autor mostra evidências de que o que se comporta atualmente nas línguas analisadas como casos de nominalizações são modificações de algo cujas características eram outrora de orações principais; o que é, segundo o autor, um percurso de gramaticalização muito frequente para a criação do sistema ergativo-absolutivo.

Wildes Souza Andrade com o artigo *Etnicidade e territorialização: os Tapuio do Carretão* atribui *status* de ‘estratégia’ para a (re)apropriação do território, a atitude de (re)elaboração e/ou negociação de uma identidade diferenciada frente ao Estado e à sociedade envolvente; propiciada, particularmente, pelo fato de que “no decorrer da história do povo Tapuio do Carretão, as modificações em sua base territorial foram acompanhadas de mudanças sociais e de uma resignificação de suas manifestações simbólicas”.

Embora não seja o tópico principal de *Tipologias sociolingüísticas: as macrovariáveis e seu papel na desvitalização das línguas: a língua Xerente Akwén*, é possível encontrar informações bastante precisas acerca da situação sociolingüística deste povo. Como foco central de seu artigo, Silvia L. B. Braggio discute três variáveis extralingüísticas definidas por ela como cruciais para o conflito sociolingüístico na comunidade de língua xerente akwén; a saber: a dispersão do povo xerente dentro da sua área, a migração e a escolarização. Discute-se ao longo do texto a influência que tais variáveis exercem na percepção e atitudes dos falantes diante da própria língua.

Carlo Sandro de O. Campos no artigo *Maxakali: uma língua ergativa tripartida?*, baseado sobretudo no trabalho de Woolford (2006), argumenta em favor de que a língua maxakali é uma língua com sistema de Caso tripartido, na qual os argumentos A/Sa recebem Caso ergativo, So recebe Caso nominativo e O recebe Caso acusativo. Essa asserção contraria a concepção tipológica que considera a referida língua como ergativa. Segundo o autor, ergativo é apenas um dos Casos possíveis nesta língua.

Januacele da Costa e Fábria P. da Silva são as autoras de *Contribuições da descrição e análise lingüísticas para o ensino de Yaathe como língua materna*. O artigo em questão constitui-se relato de uma experiência de trabalho na escola da aldeia yaathe no qual se utiliza o conhecimento lingüístico sistematizado existente para ampliar as atividades com os professores da própria língua.

*Povo Umutina: a busca da identidade lingüística e cultural* de Mônica C. da Cruz apresenta um bom panorama da história de contato deste povo com outras sociedades, especialmente com as sociedades não indígenas; o que resultou, como em muitos outros casos, situações irreversíveis de perdas sociolingüísticas. Fica, todavia, ao final do artigo, a ânsia do leitor em informações mais amplas acerca de atitudes que possam ser identificadas como relacionadas à busca anunciada no título.

Eunice Dias de Paula e Luiz Gouvêa de Paula abordam em *Crianças trilingües: uma questão para as escolas Tapirapé-Karajá* a realidade das crianças que são ‘fruto’ de casamentos entre Tapirapé e Karajá e que se tornam falantes de três línguas distintas: a do pai, a da mãe e a da sociedade externa – o Português. Esse cenário torna-se desafiador ao professor em sala de aula e, conseqüentemente, propicia inúmeras situações adversas (algumas apresentadas ao longo do referido artigo).

Em *A conexão entre papel theta e caso é sempre biunívoca?*, Fábio Bonfim Duarte argumenta que em línguas como Apinajé, Apãniekra, Parkatêjê e Maxacali há certa correspondência entre papel *theta* e Caso; sendo que tal correspondência nem sempre é total e biunívoca. Para sustentar a referida análise, o autor assume que “Caso ergativo cobre, pelo menos, os papéis temáticos de AGENTE e de EXPERIENCIADOR na língua maxacali”; ao passo que “em Apãniekra, Apinajé e Parkatejê, a relação entre papel *theta* e Caso abstrato é ainda mais forte e, de certa maneira, biunívoca”.

Aline Alves Ferreira e Estevão Rafael Fernandes mostram em *As várias dimensões da alimentação: o caso Xavante* informações relacionadas ao comportamento alimentar deste povo. Enfatizam, sobretudo, a concepção de que os alimentos “fazem parte de uma estrutura social, onde mais importante do que se nutrir é o modo que esses alimentos chegam até a habitação”.

*Para além da Ágora, interações no pátio – estudos linguageiros sobre os discursos de ritos Krahô*, de Juscéia A. V. Garbelini, apresenta algumas notas etnográficas do povo krahô. No que se refere ao tema especificado no título do artigo estão os objetivos aos quais o trabalho (ainda em fase inicial) se propõe e, a partir da explicitação destes, a autora faz alusão a algumas cantigas comuns ao povo Krahô.

Vanessa Lea questiona em *Problematizando a classificação das línguas Jê setentrionais e o rótulo timbira* a validade de inúmeras informações publicadas acerca dos povos que falam estas línguas. Neste contexto a autora cita, por exemplo, Urban (1992), trabalhos de inúmeros lingüistas, dentre eles, Queixalós e Renault-Lescure (2000). Além dos questionamentos são feitas referências à: (i) pouca comunicação entre linguistas e antropólogos, o que causa, em algumas circunstâncias, desencontro de informações e (ii) proximidade linguística entre os Apinajé e os Mebengokre.

Andérbio Márcio Silva Martins faz referência em *Um estudo comparativo-lexical das famílias Kamakã e Puri* a alguns correlatos lexicais entre as línguas analisadas e, a partir das mesmas, ensaia uma reconstrução histórica para os referidos lexemas. Embora se trate de um estudo com número reduzido de itens, Martins questiona a classificação apresentada em Loukotka (1932), para quem a família Kamakã é composta por cinco línguas e não por quatro, como proposto neste seu trabalho.

Isadora Maria Barcelos Silva assume em *Estatuto da posposição te: valoração de Caso ergativo e realização do papel temático em Timbira-Apãniekrá* que, nesta língua, Caso ergativo equivale ao Caso estrutural valorado pela posposição léxico-funcional *te*. Ao longo da análise, a autora faz referência também à posposição *mã*, que apresentaria comportamento semelhante a *te* e licenciaria Caso dativo. Um fator que não fica muito claro no artigo, contudo, é o posicionamento teórico adotado, já que em algumas circunstâncias refutam-se os trabalhos de Woolford (1997, 2006) e em outras, os mesmos trabalhos são adotados como capazes de responder a questionamentos postos no decorrer do trabalho.

Em *Não existem prefixos relacionais nas línguas Jê*, Andrés Pablo Salanova contesta inúmeras análises relacionadas às línguas Jê que consideram a expressão de 3ª pessoa como prefixos relacionais. Em lugar desta análise, o autor propõe que o que se considera tradicionalmente prefixos relacionais são, na verdade, uma forma isolada (morfologicamente) complexa e/ou uma forma composta (radical). Essa análise implica que ‘um morfema adicional está presente na forma isolada do predicado, enquanto que a forma composta consiste do

radical sem prefixo nenhum’.

*Descrição de nomes de partes do corpo em composições lexicais na língua Akwe-Xerente* apresenta resultados bastante incipientes baseados na hipótese de que os ‘nomes de partes do corpo podem ser usados como função classificadora’. Para sustentá-la, Kênia Mara de Freitas Siqueira utiliza as formas *kwa* (dente), *krã* (cabeça) e *pke* (coração). Com este conjunto de nomes classificadores, a autora indica que ainda há uma série de questões de pesquisa a ser desvelada sem, contudo, especificá-las.

A partir de um corpus que compreende dois momentos distintos de um estudo de caso de uma criança, Sinval Martins de S. Filho mostra em *Reflexões sobre a aquisição de língua pela criança Xerente* que a morfologia verbal desta língua, composta por pessoa, tempo, aspecto e modo, é adquirida gradativamente pelo usuário analisado. De acordo com os dados utilizados, o autor argumenta que modo é a primeira categoria da qual essa criança xerente faz uso. Concomitantemente à utilização desta categoria há a aquisição da ordem predominante dos constituintes da oração.

O artigo de Eduardo Alves Vasconcelos, intitulado *Estudo preliminar do Cayapó do Sul* parte do princípio largamente discutido, seja no âmbito linguístico, seja no âmbito antropológico, de que os Cayapó do Sul são os ancestrais dos atuais Panará. Conforme o autor, ainda não há, sob o ponto de vista linguístico, uma conclusão cabal sobre essa identidade entre os dois povos; fator esse, que motiva o referido trabalho. Neste sentido, ao longo do artigo, o autor propõe, entre outras coisas, uma análise fonética do Cayapó do Sul tomando-se como *corpus* um vocabulário de aproximadamente 700 itens lexicais do início do século XX, de Alexandre Barbosa.

Raquel Peixoto F. Vieira mostra em *O papel da L1 na aquisição da L2 escrita na escola indígena Xerente* que L1 serve de base para a utilização de L2, sendo que o processo de aquisição desta é constituído de vários estágios. Neste artigo, último do livro, além de questões relacionadas a léxico, é possível encontrar informações referentes à aquisição de itens gramaticais e textuais.

Após esse panorama do rico conteúdo que se pode visualizar no livro em questão, sem que se tire o valor geral e enriquecedor da obra no sentido da mesma incluir diversos temas relacionados às línguas e culturas Macro-Jê, deve-se observar: (1) o fato de que alguns artigos apresentam informações bastante iniciais sobre o tema abordado e (2) a falta de um cuidado gráfico mais acurado à obra como um todo, já que há inúmeras falhas nesse quesito. É possível encontrar, por exemplo: (i) textos publicados sem as alterações solicitadas pelo parecerista, de modo que em alguns se podem visualizar as sugestões do mesmo; (ii) estrutura indefinida, o que resulta em artigos em que todo o conteúdo ficou no espaço onde deveria constar apenas o resumo; (iii) notas de rodapé sem numeração definida; (iv) informações muito redundantes; (v) uso inadequado de itens lexicais da língua portuguesa.

---

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Nelly (1989). *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Editora Ática, S.A.
- LOUKOTKA, Èestmir (1932). La familia lingüística Kamakan del Brasil. *Revista del Instituto de Etimologia* 2: 493-524.

- QUEIXALÓS, F.; RENAULT-LESCURE, O. (2000) (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: IRD/ISA/MPEG.
- URBAN, G. (1992). A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Manuela Carneiro Cunha (org.). *História dos Índios do Brasil*, pp. 87-102. São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras.
- WOOLFORD, Ellen (1997). Four-Way Case Systems; Ergative, Nominative, Objective and Accusative. *Natural Language and Linguistic Theory* 15: 181-227.
- \_\_\_\_\_.(2006). Case-Agreement Mismatches. In Cedric Boeckx (ed.). *Agreement Systems*, pp. 317-339. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

**Antonio Almir Silva Gomes**  
Doutorando /IEL-UNICAMP  
a2sg@bol.com.br

Recebido 15/11/2009  
Aceito 30/4/2010.